

Contos de Fadas  
para  
Millennials



BRUNO VINCENT

# Contos de Fadas para Millennials



*A Henry, Juliette e família, com todo o meu amor.*

## *Índice*

|    |                                   |     |
|----|-----------------------------------|-----|
| 1  | Branca de Neve e os Sete Anões    | 9   |
| 2  | Caracóis Dourados e os Três Ursos | 27  |
| 3  | João e o Pé de Feijão             | 39  |
| 4  | A Casinha de Chocolate            | 57  |
| 5  | As Três Cabras Toscas             | 75  |
| 6  | O Patinho «Feio»                  | 85  |
| 7  | Cinderela                         | 89  |
| 8  | Os Três Porquinhos                | 115 |
| 9  | Bela Adormecida                   | 129 |
| 10 | O Príncipe Sapo                   | 141 |
| 11 | O Flautista de Hamelin            | 153 |
| 12 | O Capuchinho Vermelho             | 165 |
|    | Agradecimentos                    | 185 |



BRANCA DE NEVE  
E OS  
SETE ANÕES



«Sim, Majestade, é mesmo QILF.»

**N**uma terra distante, viveu em tempos uma rainha. O seu amado marido morrera há muitos anos e agora era ela quem governava o reino sozinha. Todas as manhãs, punha-se à frente do seu ornamentado espelho dourado e dizia as mesmas palavras:

— Espelho meu, espelho meu, há alguma mulher mais bela do que eu?

— Muito bem — disse o espelho. — Eis as últimas. Lembrais-vos da Carochinha? Nem queirais saber como está ela agora...

— Não, não — disse a rainha. — Não quero saber nada disso.

— O Humpté Dumpté está nos cuidados intensivos, depois de ter tentado saltar o muro na fronteira...

— Por favor, espelho...

— O advogado do duende Rumpelstiltskin emitiu uma declaração a negar qualquer infração à lei, depois de mais vinte e seis donzelas terem apresentado queixa...

— Espelho, *suplico-te*. Chega.

— Querei desculpar-me, Majestade — disse o espelho. — Esqueci-me de com quem estava a falar. Todos gostam de saber estas coisas...

— Adiante — disse a rainha —, diz-me apenas quem é a mais bela.

— Peço-vos então mais um pouco de paciência. Segundo o Índice de Beleza do Reino...

Enquanto esperava, a rainha retocou o cabelo ao espelho e pensou nas mudanças radicais que implementara no reino. O maridinho defunto, por saudoso que fosse, *tinha* sido um pouco dinossauro. Assim, mal o último tabuleiro de canapés fúnebres fora colocado no grande contentor de reciclagem do castelo, a rainha começara a fazer planos para tornar o Reino das Fadas um sítio melhor para se viver.

A primeira coisa que eliminou foi a expectativa antiquada de que todos tinham de ter o mesmo emprego que os pais. A filha de uma leiteira, por exemplo, não precisava de sentir que o futuro se estendia monotonamente à sua frente a ordenhar a *Mimosa* e a *Malhada* e a repelir os avanços das mãos ásperas dos moços da quinta.

Graças a um novo regime de acesso implementado por ela, a pequena podia agora conseguir uma educação superior e obter qualificações para melhorar a sua vida. Com trabalho árduo, talvez passasse nos exames e se tornasse... porventura, psicoterapeuta ou professora de Belas-Artes. (Embora não pudesse esperar que os avanços indesejados acabassem subitamente.)

Pusera também fim ao sistema patriarcal de preferências. Pouco mais de metade dos lugares da corte eram agora ocupados por mulheres, e as etnias dos que detinham cargos refletiam (tão rigorosamente quanto podia ser determinado) a composição demográfica da população.

Apesar dos rumores iniciais, as pessoas rapidamente perceberam os benefícios de um aparelho decisório que refletisse mais fielmente a sociedade que servia, e todos os protestos se desvaneceram. Agora ouvia-se e compreendia-se uma gama maior de perspectivas, a implementação das políticas e a comunicação tinham melhorado substancialmente e o governo, no seu todo, operava com uma eficiência discreta, até então desconhecida.

A antiga hierarquia, rígida, tornara-se mais flexível e, num único salto ousado, o conceito de mobilidade social passara de simples possibilidade a realidade brilhante.

Dito de um modo simples: as coisas funcionavam e o povo estava feliz.

Mas a rainha não se ficara por aí. Os antigos textos e histórias que promoviam valores antiquados foram atualizados. O cordeirinho da Maria foi autorizado a ir com ela para todo o lado, tendo sido oficialmente registado como animal de apoio emocional. A tartaruga e a lebre foram ambas consideradas merecedoras de uma medalha, apenas por terem participado na corrida. E ao rapaz que gritava «Lobo!» foi diagnosticada uma perturbação de aversão à verdade, sendo referenciado para aconselhamento especializado.

Todos concordavam que estas novas versões constituíam uma melhoria substancial — em parte, claro está, porque não tinham grande escolha senão concordar. Pode ter havido uma ou outra careta ou sobrolho levantado por parte das pessoas mais velhas, mas esse era o comportamento das pessoas mais velhas de todos os tempos. (Afinal, os avós *delas* não tinham também olhado de lado

para os grandes avanços do *seu* tempo: conceder às mulheres os mesmos direitos que aos cavalos, cerveja gaseificada e médicos a sério?) Mas os rumores foram mínimos e a grande maioria celebrou o facto de a sociedade se ter tornado mais igual e mais justa.

A rainha (Generosa, de seu nome — abreviado para Gena) gozava de enorme popularidade. Quando não estava a inaugurar mais uma ala no hospital local ou a leiloar uma das suas vestes a favor de uma instituição de beneficência, lançava um olhar ao reino (aos seus *domínios*, melhor dizendo) em busca de novas formas de melhorar a vida dos súbditos. Ou, pelo menos, daqueles que não beneficiavam injustamente da infelicidade e pobreza dos restantes.

Assim, enquanto esperava frente ao espelho mágico, naquela manhã soalheira, não pôde impedir-se de sentir uma ligeira complacência. O espelho — uma antiguidade — estava ainda a habituar-se às suas novas definições e, por vezes, confundia-se ao aceder ao Índice de Beleza. (O facto de o espelho ainda identificar, ocasionalmente, por omissão, «beleza» com ser loira, subalimentada e com vinte e dois anos, poderia ter que ver com as definições do histórico privado do marido, mas a rainha preferia não pensar nisso.) Contudo, não se importava de esperar, pois, por muito tempo que levasse, só havia um rosto que o espelho exibiria sob a designação «Mais Bela»: o da rainha.

Por isso, ficou mais intrigada do que zangada ao ver-se a olhar para outro rosto.

— Espelho — disse ela pacientemente —, estás com algum problema? Tenho a certeza de que os cofres do palácio podem aguentar a compra de um espelho *novo*...

Mas o espelho, geralmente disposto a brincar e galhofar, permaneceu formal.

— Não há qualquer erro, Majestade — disse. — O que vedes é a verdade. A Branca de Neve é a mais bela de todo o reino.

Ora, não mencionei a Branca de Neve até agora. Poderão pensar que isso se deve a preguiça ou pouco talento para contar histórias. Por outro lado, poderão murmurar para convosco: «A Branca de Neve, hum? E não a rainha, como esperado!» e assinalar o passo como uma forma elegante de vos tirar o tapete. Não tentarei convencer-vos de nenhuma das versões: todos temos de enfrentar a nossa própria verdade.

Seja como for, ei-la. Branca de Neve! A filha do falecido rei, fruto de um casamento anterior, loucamente adorada pelo pai até ao seu derradeiro suspiro. Circulavam na corte rumores de que isto incomodava a nova rainha e que ela tinha ciúmes da enteada — que, acrescentava-se, era *toda* boa, uma bomba até para os padrões palacianos. *Tinha* de haver (concluía os rumores de gente que claramente não tinha mais que fazer) uma grande rivalidade entre as duas.

E agora o espelho dizia que a Branca de Neve era a mais bela? Era um golpe duro.

A rainha tinha a *certeza* de que o espelho estava enganado. Desligou o espelho, voltou a ligá-lo e carregou os cálculos segunda e terceira vez.

Quando a voz do espelho desfiou a notável lista dos feitos da Branca de Neve, a rainha empalideceu. Sabia que a Branca de Neve (cujo nome era mais um legado infeliz

do rei retrógrado) passara anos a viajar pelo reino, ajudando pobres e desafortunados. Mas nunca se apercebera da dimensão dos seus atos.

Parecia que a Branca de Neve tinha usado a sua modesta mesada real para construir um centro de planeamento familiar no bairro pobre da cidade. Conseguira o patrocínio de um importante fabricante de penas para a concessão de bolsas a novos escritores oriundos de meios desfavorecidos e províncias distantes. Criara ainda um Tribunal Universal de Justiça Histórica para analisar as queixas de roubos históricos de terras e limpeza étnica perpetrados pelos primeiros colonizadores sobre os duendes indígenas dos pântanos.

Além disso, declarara a sua intenção de derrubar a monarquia, substituindo-a por uma democracia representativa e sufrágio universal, talvez com uma monarquia *constitucional* vestigial, para incentivar o turismo — se fosse esse o desejo do povo.

Uma vez concluídos estes projetos, dar-se-ia início à redistribuição da riqueza.

Andavam todos doidos com as iniciativas da Branca de Neve. Claro que andavam.

Ao chegar ao fim da lista, a Rainha Gena já não estava pálida. Tinha o rosto vermelho e o sangue a ferver.

— Alexa! — gritou. — Encontra imediatamente a Branca de Neve e diz-lhe para vir cá.

A Rainha Gena aguardou até ter a certeza de que a Alexa partira. Reinava um silêncio absoluto nos seus aposentos. Então murmurou baixinho para o espelho, pedindo-lhe que lhe contasse a história da Carochinha. Como *podia*

estar ela espetacular? Se já parecia antiga havia vinte anos...

Quando a criada, por fim, encontrou a Branca de Neve, esta estava na Escola dos Pobres (embora agora não devesse chamar-se assim — era a Academia dos Sorrisos Radiosos) a ler *Que os Seus Guinchos Se Ouçam*, o velho livro popular cujo título oficial era agora *Os Três Ratinhos Cuja Capacidade Para Ver ou Não Ver Não É a Única Coisa Importante Acerca Deles, C'os Diabos*.

A Branca de Neve acabara de chegar à cena em que a mulher do agricultor se vai abaixo no banco das testemunhas e confessa tudo. Afinal, fora ela quem atacara as vítimas. Não tinham fingido os ferimentos para receber as indenizações, como os jornais malévolos que perenticiam ao Lorde Murdlock tinham alegado. Os «vivas» estavam prestes a fazer-se ouvir na sala de audiências: os pedidos de indenização interpostos pelas vítimas eram justificados!

— A rainha quer ver-te — interrompeu a Alexa, mesmo na melhor parte da cena. As crianças resmungaram, desapontadas.

Um pouco incomodada por ser interrompida daquela forma a meio da história, a Branca de Neve lançou um olhar à Alexa, que, como sempre, se mantinha inexpressiva.

— Parecia zangada — acrescentou a Alexa.

— Não se preocupem. Volto depressa — disse a Branca de Neve aos seus alunos. — Alexa, eu conheço o caminho para o palácio. Talvez pudesses ficar aqui e continuar a ler...

Quando a criada (ou técnica de assistência doméstica, para dar um nome adequado à sua função) pegou no livro, as crianças resmungaram de novo. A voz da Alexa era tão monótona... Entretanto, a Branca de Neve já saía apressadamente.

Quando chegou aos aposentos da rainha, encontrou Sua Majestade junto da janela, com um ar pensativo. Ao seu lado estava um tipo estranho. Tinha um aspeto rude, com terra e palha agarradas à bainha da túnica. Assim que a Branca de Neve entrou, voltou-se para ela com um esgar bárbaro.

A Branca de Neve encolheu-se ao ver o machado de lâmina romba que ele tinha na mão — e, no rosto da rainha, uma determinação fria.

Passaram-se meses e a primavera transformou-se em verão. Nunca mais se ouviu falar da Branca de Neve e o espelho confirmava o regresso da rainha ao seu lugar cimeiro do *top of the pops* do Índice de Beleza.

Como sempre, havia quem murmurasse no palácio. Uma petição a pedir uma investigação do desaparecimento da princesa reuniu umas poucas centenas de assinaturas e depois esmoreceu. Ouviam-se rumores negros, sussurrados entre canecas de cerveja no bar Lebre e Cães (cuja tabuleta fora pintada de novo e agora representava os animais a brindar juntos com canecas, como se fossem os melhores amigos). Mas as boas obras prosseguiram, a população ficava mais feliz a cada dia que passava e os rumores acabaram por se extinguir.

Quer dizer, em todo o lado menos numa cabana acolhedora, nos recônditos da floresta, onde a terça-feira era dia de *burritos*.

Pouco depois das seis da tarde, chegaram os sete residentes da cabana, vindos do emprego, cansados e transpirados depois de mais um dia de extração. Noutros tempos, teriam também chegado cobertos de pó de carvão, mas esse tipo de trabalho era agora feito por máquinas. Além de chegarem mais limpos, a extração de dados rendia-lhes bastante mais. Depois de todos terem tomado banho e mudado de roupa, comeram *burritos* — entre barulhos da barriga e arrotos sonoros —, abriram uma garrafa de cerveja artesanal e dirigiram-se para a porta ao lado, onde ficava o estúdio insonorizado.

— Um, dois, três, experiência — disse o Canhoto. — A testar os níveis.

— Tudo bem — disse o Sopinha de Massa, segurando uma lata junto do ouvido direito. — Pronto a andar.

Os outros entenderam aquilo como um sinal. Sentaram-se à volta da mesa, puseram os auscultadores, ajustaram os microfones, pigarrearam, lamberam os beiços e esperaram pacientemente.

— E... No ar — disse o Sopinha de Massa.

— Este *podcast* é levado até si pelo Dragondrop — começou o Canhoto. — Quer esteja a escrever um *blogue* ou a conceber uma loja *online*, o Dragondrop oferece...

Os outros já tinham ouvido aquilo mil vezes. Bem, sessenta e tal vezes, pelo menos.

Primeiro, fora o *podcast* gorado do início, em que resumiram os episódios da *Guerra dos Tronos*, mas depressa perceberam que andavam todos a fazer o mesmo. Era o truque mais velho do livro dos *podcasts*.

Quando voltaram as atenções para um mistério local por resolver, os seus *podcasts* começaram, finalmente, a ser populares. Agora tinham seguidores dedicados, acordos de patrocínio com fabricantes de lâminas, colchões e audiolivros, e chegaram a ser requisitados para gravar episódios ao vivo numa série de festivais de verão.

Quando a música do indicativo — um refrão repetido em assobio — esmoreceu, teve início o *podcast*. O Canhoto, líder tácito do grupo, deu o pontapé de saída.

— Olá, ouvintes! — disse ele. — Neste episódio de *Sanguie Vermelho*, o *podcast* sobre crimes reais, vamos analisar novas provas acerca do desaparecimento da Branca de Neve, caso ainda por solucionar, vamos reexaminar factos conhecidos e entrevistar um convidado muito especial.

— É isso mesmo, Canhoto — disse o Sopinha de Massa, carregando ligeiramente nos ésses, antes de passar a pormenorizar as novas provas disponíveis.

Os outros aguardaram com paciência. Como anfitriões do *podcast*, os sete coabitantes eram conhecidos como Canhoto, Sopinha de Massa, Arrotos, Chico Esperto, Fedorento, Hesitante e O Monstro. No entanto, na hipoteca da cabana, os seus nomes eram Miguel, Tomás, Daniel, David, David, Esmeraldo e Geraldo. Após muita discussão, o grupo decidira os seus «nomes artísticos» como um exercício de *branding*, para os tornar mais

apelativos ao mercado. De certo modo, tinha funcionado — mas a única pessoa a ser requisitada para *selfies* era O Monstro, facto que os outros seis deploravam («e ele é cinquenta milímetros *mais baixo* do que *eu*», queixava-se muitas vezes o Arrotos).

Difícilmente, as «novas provas» que examinavam naquele dia poderiam ser consideradas bombásticas. Um familiar do principal suspeito deles — o Caçador — afirmava ter ouvido expressões de sensibilidade republicana no lar familiar do Caçador durante a sua infância. Isto não alterava propriamente o caso, pois, naqueles dias, havia sensibilidade republicana por todo o lado (incluindo no palácio — incluindo por parte da *vítima*).

Nesta altura, tinham também já estabelecido — para satisfação geral — que o Caçador não correspondia à ideia que alguém pudesse ter de um conspirador. Duidava-se de que tivesse a autonomia de pensamento necessária para cortar uma fatia de pão de moto próprio, quanto mais a astúcia e a determinação necessárias para ceifar a cabeça de uma princesa. E com isto não queremos pôr em causa a sua educação — afinal de contas, as suas irmãs gémeas eram, respetivamente, professora de Direito e meteorologista. Se tivesse *havido* alguma espécie de conspiração, o velho Caçador era a definição, de dicionário, de bode expiatório involuntário.

Quanto a novas provas, estávamos conversados.

Depois de ter conseguido alguns progressos iniciais no caso, o *podcast* tornara-se popular e, durante uns tempos, chegara mesmo a estar na moda. Mas tudo isso eram águas passadas. Pressentiam agora que o crime nunca

seria solucionado, e o *podcast* arrastava-se mais do que o desejado.

Em breve haveria outro homicídio terrível e surgiria um «novo *podcast* sobre crimes reais mais fixe». Era uma eventualidade demasiado horrível de contemplar. (Tinham já ouvido falar de um novo programa em voga, sobre dois irmãos chamados Jack e Jill e os horríveis acontecimentos que, supostamente, se teriam desenrolado no cume de uma colina remota.)

A secção seguinte do *podcast* foi passada a rever revelações feitas em episódios anteriores e a examinar todas as provas até à data, para ver se permitiam uma nova perspectiva. Havia o testemunho de um amolador ambulante de machados; as irregularidades financeiras no serviço de gestão florestal; e os avistamentos na zona, por essa altura, de dois irmãos que se dizia chamarem-se Grimm e revelarem uma «fixação sinistra» em princesas.

Tudo isto era feito da forma mais interesseira possível, com referências constantes ao modo como o *podcast* recuperara uma investigação antes moribunda.

Por fim, chegaram ao convidado do dia.

— Depois de todas as pistas que seguimos e que se revelaram becos sem saída — disse o Fedorento —, recebi ontem à noite uma informação que me conduziu ao convidado de hoje. Asseguro-vos que este vai mudar *tudo*.

Dito isto, a porta do estúdio escancarou-se. Entrou em cena uma figura.

Os outros seis arquejaram de espanto. Primeiro, devido àquela exibição corajosa de sentido de espetáculo («O Fedorento é pro, *man*», pensou o Arrotos. «Não tarda

'tá a querer ter um programa só dele»), e depois pela elegância e beleza da convidada. Trazia uma capa de veludo até ao chão, com o capuz atirado displicentemente para trás, a revelar os caracóis compridos e negros, a pele imaculada e uma boca em forma de botão de rosa. Sorriu modestamente... e partiram-se sete corações de uma só vez.

— Senta-te aqui ao meu lado — murmurou O Monstro, pisando os pés do Sopinha de Massa e puxando de uma cadeira antes que o Hesitante conseguisse recuperar. — Longe do cheirete do Fedorento. Ah-ah.

— És simpático — disse a estranha, e todos notaram que ela dominava na perfeição a técnica do microfone.

— Agora, por favor — disse o Fedorento —, conta-nos a tua história.

— Bem, estão a ver, foi tudo um enorme mal-entendido — disse a Branca de Neve, pois era dela que se tratava. Contou-lhes como, havia todos aqueles meses, fora levada para as profundezas da floresta pelo Caçador para supervisionar o planeamento e a construção de uma aldeia completamente nova, com todas as mais recentes soluções de acessibilidade e um parque desportivo para eventos paralímpicos. Tudo aquilo só seria revelado após concluídas as obras.

Não tinha havido nenhum homicídio.

Na verdade, fazia tudo parte de uma conspiração (primeiro da Rainha Gena, mas depois também com o contributo da Branca de Neve) para levar a harmonia a toda a floresta — porque este projeto era tanto para animais como para seres humanos. Incluía abrigos, hospitais,

bibliotecas, balneários públicos e bancos alimentares, frigoríficos comunitários e cantinas gratuitas abertas a todos. Para não falar dos ginásios, piscinas, parques desportivos, parques infantis e jardins desenhados por arquitetos paisagistas.

— E é por isso que estou hoje aqui convosco — disse a Branca de Neve. — Para anunciar que, a partir deste momento, a Aldeia-no-Bosque está oficialmente inaugurada.

Claro que o episódio foi um sucesso.

Nunca um programa sobre crimes reais tinha visto a vítima entrar, sã como um pero, e apresentar-se no episódio final. *Sangue Vermelho* ascendeu de imediato ao topo das tabelas e lá permaneceu durante meses. Falou-se de uma *tourné* ao vivo (segundo a peugada do sucesso estrondoso de *O Meu Pai Ilustrou Um Manuscrito Brejeiro*), uma IPA com o tema do *podcast* e até coletes com a marca.

Claro que qualquer inveja que a Rainha Gena tivesse sentido da enteada ao ver o seu rosto no espelho durara meros segundos. A rainha, pessoa amável e sensata, percebeu imediatamente que as duas mulheres seriam mais fortes juntas. Unidas, eram uma equipa de nível mundial.

O que a fizera empalidecer e depois ruborizar foi, primeiro, o horror e, depois, a vergonha de não ter percebido até aí a mulher talentosa e determinada que era a sua enteada. Uma verdadeira bênção. Era essencial recuperar o tempo perdido...

E quanto à ideia de que ela alguma vez competiria com uma mulher mais nova por algo tão básico como inveja sexual? Simplesmente ridícula.

E assim viveram todos. Não felizes para sempre, o que, como todos sabem, é irrealista, mas com ambições muito mais sensatas e expectativas viáveis de satisfação por poderem planear e trabalhar todos juntos, como povo.

O que provavelmente é o melhor que se consegue, não é?